

PERSPETIVAS

Debate sobre temas fundamentais
em morfologia urbana

As origens da morfologia urbana e a geografia alemã

Vítor Oliveira, CITTA – Centro de Investigação do Território, Transportes e Ambiente, Faculdade de Engenharia, Universidade do Porto, Rua Roberto Frias 4200-465 Porto, Portugal. E-mail: vitorm@fe.up.pt. **Cláudia Monteiro** CM Arquiteta, Rua Santos Pousada 1185-1ºEsq, Porto, Portugal. E-mail:aclaudiamonteiro@inbox.com

O termo ‘morfologia’ foi inicialmente proposto, na viragem do século XVIII para o século XIX, por Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), o famoso escritor e pensador alemão que dedicou uma parte do seu trabalho à biologia. Goethe utilizou a expressão morfologia para designar a ‘ciência que lida com a essência das formas’.

Apesar da expressão morfologia ter sido proposta como um ramo da biologia, o seu sentido mais geral e abstrato permitiu-lhe ser aplicada muito para além da ciência dos seres vivos. Um século mais tarde esta aplicação adotou as áreas urbanas como objeto de estudo. Na viragem para o século XX e durante as primeiras décadas desse século, surgem os primeiros estudos em morfologia urbana desenvolvidos, essencialmente, por geógrafos Alemães. Em meados do século XX a história da morfologia urbana, enquanto área do conhecimento, passará inevitavelmente pelos trabalhos de um conjunto de arquitetos em Itália e geógrafos em Inglaterra – em particular Saverio Muratori e M. R. G. Conzen – e nas últimas décadas do século por uma nova abordagem, inicialmente desenvolvida por arquitetos ingleses – a sintaxe espacial.

Esta ‘perspetiva’ centra-se no contributo pioneiro dos geógrafos alemães para o campo da morfologia urbana. A perceção rigorosa desse contributo é dificultada pela língua em que os mesmos são escritos. Esse constrangimento levou

a que este texto se construísse fundamentalmente a partir da leitura de um vasto conjunto de fontes secundárias, das quais se destacam dois artigos de revisão deste período publicados na revista *Urban Morphology*, Hofmeister (2004) e Heineberg (2007), bem como o artigo de Whitehand sobre a tradição *Conzeniana*, cuja tradução para Português se incluiu no último número da ‘Revista de Morfologia Urbana’ (Whitehand, 2013).

A geografia humana alemã da última década do século XIX é marcada por duas obras fundamentais (Tabela 1). Em 1894, o historiador (e esta é a única exceção disciplinar num contexto dominado por geógrafos) Johannes Fritz publica *Deutsche Stadtanlagen*, um estudo comparativo sobre mais de 300 cidades alemãs. A inovação fundamental deste estudo é a utilização do ‘plano’ da cidade e da cartografia como fonte de informação primordial para a história urbana, algo que até então não acontecia. Um dos resultados do estudo é a proposta de uma classificação de cidades baseada precisamente no tipo de plano. Cinco anos mais tarde, e claramente influenciado pelo texto de Fritz, Otto Schlüter publica *Über den Grundriß der Städte*. Este artigo fundamental desenvolve a linha de investigação sobre o plano da cidade iniciado por Fritz, incluindo a identificação das diferentes partes ou zonas que constituem o centro da cidade. Whitehand (2007)

Tabela 1. Geografia humana Alemã 1890-1929

Década	Ano de publicação	Autor (Instituição de ensino)	Estudos sobre cidades
1890-99	1894	Johannes Fritz (Estrasburgo)	<i>Deutsche Stadtanlagen</i> Cidades Alemãs
	1899	Otto Schlüter (Halle)	<i>Über den Grundriß der Städte</i> Sobre a estrutura das cidades
1900-09	1903	Friedrich Ratzel (Leipzig)	<i>Die Geographische Lage der großen Städte</i> A localização geográfica das grandes cidades
1910-19	1916	Hugo Hassinger (Viena)	<i>Kunsthistorischer Atlas von Wien</i> Atlas histórico-artístico de Viena
	1918	Walter Geisler (Halle)	<i>Danzig: ein siedlungsgeographischer Versuch</i> Danzig: um ensaio sobre a geografia do assentamento
1920-29	1924	Walter Geisler (Halle)	<i>Die Deutsche Stadt: ein Beitrage zur Morphologie der Kulturlandschaft</i> A cidade Alemã: um contributo para a morfologia da paisagem cultural
	1925	Hans Dörries (Goettingen)	<i>Die Städte im oberen Leinetal, Göttingen, Northeim und Einbeck</i> As cidades de Leinetal, Goettingen, Norheim e Einbeck
	1927	Hans Bobek (Viena)	<i>Grundfragen der Stadtgeographie</i> Questões básicas em geografia urbana
	1928	Rudolf Martiny -	<i>Die Grundrißgestaltung der deutschen Siedlungen</i> A estrutura dos assentamentos Alemães
1930-39	1932	M. R. G. Conzen (Berlim)	<i>Die Havelstädte</i> As cidades do Havel
	1936	Herbert Louis (Berlim)	<i>Die geographische Gliederung von Gross-Berlin</i> A estrutura geográfica da Grande Berlim

sustenta que este trabalho foi pioneiro daquilo que, anos mais tarde, se viria a designar por ‘abordagem morfogenética’. Um outro aspeto importante no trabalho deste geógrafo é a convicção de que o estudo da cidade passa necessariamente pelo estudo da paisagem mais abrangente onde ela se insere.

Na primeira década do século XX, *Die Geographische Lage der großen Städte* de Friedrich Ratzel continua a linha de investigação iniciada no final do século XIX. Um dos principais contributos deste texto de 1903, é o facto de se centrar não só na localização das cidades, mas nos motivos e nas características que levam à escolha do local original para a fundação dos assentamentos humanos.

Na década seguinte surgem dois textos em que se pretende ir para além do estudo de localização e das questões genéticas. Cada um dos textos estuda em detalhe uma única cidade, Viena e Danzig (a atual cidade de Gdańsk). Em 1916, Hugo Hassinger publica um atlas histórico-artístico de Viena. Neste livro, o geógrafo identifica na planta da cidade de Viena, os estilos arquitetónicos e a idade dos edifícios, recorrendo

para isso à utilização da cor. O resultado desta análise é um conjunto de plantas que constitui um elemento fundamental para a conservação do património edificado de Viena. Como os seus colegas, Hassinger sustenta que uma planta podia mostrar toda uma série de aspetos que um texto, uma tabela ou um diagrama, não podiam. Dois anos mais tarde, um antigo aluno de Schlüter Walter Geisler, publica um dos textos mais importantes deste período (Geisler, 1918). Paradoxalmente, Geisler faz referência ao trabalho de todos os autores descritos acima, à exceção de Hassinger. O livro sobre Danzig estrutura-se em duas partes fundamentais, divididas em dezassete capítulos: a primeira aborda as condições físico-geográficas, demográficas e económicas de Danzig; a segunda parte centra-se na estrutura e na organização espacial da cidade. Para além de um vasto conjunto de quadros e fotografias de Danzig, o livro contém uma inovação fundamental, para a época em que foi preparado, uma série de plantas desenhadas pelo autor incluindo a identificação dos usos do solo e do edificado, e do número de pisos dos edifícios residenciais na área central da

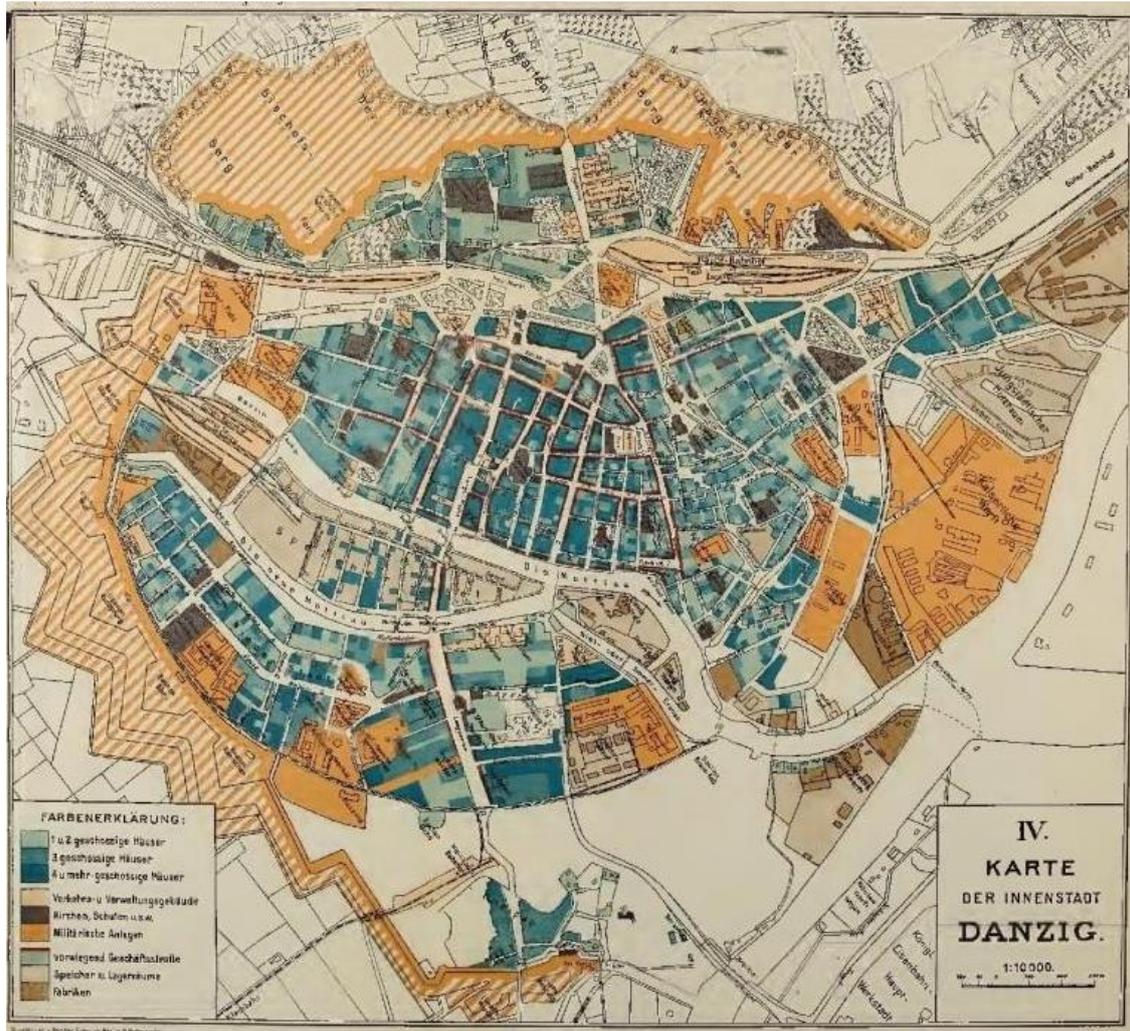


Figura 1. Planta da área central de Danzig.
Fonte: Geisler (1918) *Danzig: ein siedlungsgeographischer Versuch.*

cidade (Figura 1).

Em 1924, Geisler publica um novo e influente livro, desta vez sobre as cidades Alemãs, *Die Deutsche Stadt*. Neste texto propõe uma classificação dessas cidades com base nos sítios escolhidos para a sua fundação, no plano térreo e nos tipos de edificado. Em 1925, Hans Dörries retoma a linha desenvolvida por Hassinger e Geisler na década anterior, identificando no plano de um conjunto de cidades históricas a idade dos seus edifícios e os seus estilos arquitetónicos. Em 1928, e após um conjunto de estudos preliminares sobre cidades da região de Vestfália, Rudolf Martiny publica um texto sobre a estrutura dos assentamentos alemães. Do mesmo modo que Geisler, quatro anos antes, Martiny procura definir um conjunto de elementos generalizáveis sobre as cidades Alemãs. Quase em simultâneo, Hans Bobek publica um artigo sobre questões básicas em geografia urbana. Segundo Hofmeister (2004), este artigo lança as bases para uma mudança de direção numa das linhas dominantes

na geografia humana Alemã. De um modo geral, a partir de então e até às últimas décadas do século XX, a questão das funções urbanas adquire um maior peso em detrimento da temática da forma urbana.

No entanto, na década de 30 são ainda produzidos dois textos com um papel fundamental nas origens da morfologia urbana. O primeiro é a dissertação de M. R. G. Conzen concluída em 1932 (um ano antes do geógrafo emigrar para Inglaterra), onde é analisado o plano e o tecido edificado (os dois primeiros elementos da sua divisão tripartida da paisagem urbana) de doze cidades localizadas a noroeste de Berlim. Do mesmo modo que Geisler, Conzen utiliza a cor para representar o número de pisos e os diferentes tipos edificatórios existentes nestas cidades. O segundo é o texto de Herbert Louis (um dos mentores de Conzen) sobre a estrutura geográfica da 'Grande Berlim'. Neste capítulo de livro, Louis introduz o conceito de *Stadtrandzone* (cintura periférica), um elemento de forma urbana

constituído por parcelas com uma grande variedade ao nível da geometria e das dimensões, e cuja formação na borda de uma área construída está associada a um momento de estagnação ou crescimento lento dessa área e ao modo como, anos mais tarde, essa mesma área reinicia o processo de crescimento.

O trabalho dos geógrafos alemães no início do século XX teve uma importância fundamental para o estabelecimento da morfologia urbana como ciência que estuda a forma física das cidades, bem como os atores e os processos que a moldam. Este trabalho teve uma forte influência não só na Alemanha (apesar de tardia) mas também noutros países. Tendo por base a série de revisões nacionais publicadas na revista *Urban Morphology*, com a designação 'The study of urban form in...', Oliveira (2013) identifica uma forte influência destes autores na morfologia urbana na Polónia, Irlanda e Inglaterra. É justamente em Inglaterra que esta influência adquire a sua expressão maior, no trabalho de M. R. G. Conzen. Apesar de a partir da década de 30, a abordagem morfogenética perder peso na geografia humana Alemã, ela vai ser retomada nas décadas seguintes no trabalho que o geógrafo

alemão, então emigrado, desenvolve em Inglaterra.

Referências

- Geisler, W. (1918) *Danzig: ein siedlungsgeographischer Versuch* (Kafemann, Danzig).
- Heineberg, H. (2007) 'German geographical urban morphology in an international and interdisciplinary framework', *Urban Morphology* 11, 5-24.
- Hofmeister, B. (2004) 'The study of urban form in Germany', *Urban Morphology* 8, 3-12.
- Oliveira, V. (2013) 'The study of urban form: reflections on national reviews', *Urban Morphology* 17, 21-28.
- Whitehand, J. W. R. (2007) 'Conzenian urban morphology and urban landscapes', *Proceedings of the 6th International Space Syntax Symposium*, Istanbul.
- Whitehand, J. W. R. (2013) 'Morfologia urbana Britânica: a tradição *Conzeniana*', *Revista de Morfologia Urbana* 1, 45-52.

Extensões da forma

Anastássios Perdicoúlis, CITTA – Centro de Investigação do Território, Transportes e Ambiente, Faculdade de Engenharia, Universidade do Porto, Porto, Portugal; ECT – Escola de Ciências e Tecnologia, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal. E-mail: tasso@utad.pt

A forma é – por definição – a parte visível, ou a configuração da essência. Falando em forma, logo se pensa em espaço: a forma tem dimensões físicas, é '3D', e tem que ser visível – principalmente visível. Mas, 'se retirássemos o aspeto visual da forma, como poderíamos perceber a essência?' Colocando a questão especificamente em relação à cidade, como podemos perceber a essência urbana sem auxílio visual? Não há melhor maneira de saber do que fechar mesmo os olhos – ou, por razões de segurança, fazer uma experiência mental.

Para este propósito, enviaremos um 'observador' em missão a uma cidade desconhecida – num sítio 'exótico', num país distante – para explorar 'a qualidade invisível da cidade': o que seriam os complementos ou extensões da forma urbana ou, por vezes, os seus substitutos. Para este tipo de experiência, com estímulos visuais reduzidos, o observador chega ao sítio à noite, após uma viagem de avião, e

aponta as suas observações.

'O primeiro encontro com a cidade é marcado pelo seu ar quente e húmido. Um vento suave faz passar um cheiro forte a especiarias. Ao fundo, ouve-se trânsito rodoviário, imensas buzinas, motores a dois tempos e sente-se um ligeiro cheiro a óleo queimado'.

Face à ausência de informação visual, os sentidos de 'segunda ordem' como o olfato, a audição e o tato – neste caso, o con-tato da pele com a temperatura, a humidade, e o vento – despertam e tornam-se protagonistas na percepção do espaço. Existe sentido de orientação (dado, por exemplo, pelo vento) e de atividade humana (transmitido, por exemplo, pelo trânsito). Os cheiros das especiarias despertam a imaginação ou, até mesmo, o apetite.

'A dado momento, o sentido do tato fica muito intenso: o que parecem ser dezenas de pequenas mãos agarram o meu corpo pelas pernas, imobilizando-o por completo. Ouvem-se